



LIBERDADE DE EXPRESSÃO NA ERA DIGITAL: DISCUSSÕES, À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO, DOS EFEITOS E IMPLICAÇÕES DE COMENTÁRIOS DE ÓDIO NA INTERNET

Paula Elisie Madoglio Izidoro¹

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP)

Mariana Garcia Carregosa Gaino²

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

O estudo utiliza a Análise do Discurso (AD) para investigar como os discursos de ódio são construídos e propagados em redes sociais digitais, especialmente durante crises sociais, ambientais ou de contextos gerais que formam uma grande comoção. Neste caso de estudo, uma crise ambiental com viés político. O trabalho foca na catástrofe natural que atingiu o Rio Grande do Sul em maio de 2024, analisando comentários negativos no Instagram com teor preconceituoso, incluindo misoginia, xenofobia e intolerância religiosa e de gênero. A pesquisa evidencia como esses discursos se espalham rapidamente online e como as redes sociais digitais com seu anonimato e dinâmicas interativas, favorecem essa disseminação. Além de identificar padrões de violência verbal, o estudo busca compreender os fatores que impulsionam esses discursos e suas implicações na polarização política e ideológica do país. Por fim, o trabalho propõe reflexões sobre possíveis formas de enfrentamento e conscientização quanto ao impacto do discurso de ódio, tanto no ambiente digital quanto na sociedade em geral.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Redes sociais digitais. Comentários de ódio online. Xenofobia digital. Discurso de ódio em contextos de crise.

RESUMEN

El estudio utiliza el Análisis del Discurso (AD) para investigar cómo los discursos de odio se construyen y difunden en las redes sociales, especialmente durante crisis. El trabajo se centra en la catástrofe natural que afectó a Rio Grande do Sul en mayo de 2024, analizando comentarios negativos en Instagram con contenido prejuicioso, incluyendo misoginia, xenofobia e intolerancia religiosa y de género. La investigación evidencia cómo estos discursos se propagan rápidamente en línea y cómo las redes sociales, con su anonimato y dinámicas interactivas, favorecen esta difusión. Además de identificar patrones de violencia verbal, el estudio busca comprender los factores que impulsan estos discursos y sus implicaciones en la polarización política e ideológica del país. Finalmente, el trabajo propone reflexiones sobre posibles formas de enfrentamiento y

¹ Professora no curso de Letras - Português/Espanhol da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Professora QPM na Secretaria Estadual de Educação (SEED/PR). Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Mestra em Ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: paulamizidoro@gmail.com

² Graduada em Letras com habilitação em Português e Espanhol pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). E-mail: mc.marianacarregosa@gmail.com



concienciación respecto al impacto del discurso de odio, tanto en el entorno digital como en la sociedad en general.

Palabras clave: Análisis del discurso. Redes sociales digitales. Comentarios de odio en línea. Xenofobia digital. Discurso de odio en contextos de crisis.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O resguardo da liberdade de expressão está intrinsecamente ligado à garantia da dignidade da pessoa humana, sendo direito fundamental consagrado pela Constituição Federal, seja enquanto ser individual, seja enquanto sociedade. O combate ao discurso de ódio também se insere na necessidade de se estabelecer limites bem definidos sobre a liberdade de expressão, na medida em que se deve valorizar o respeito à diversidade como forma de tutelar a pessoa humana (LUCCAS et al., 2020).

No entanto, as relações sociais diretas, o ambiente democrático e o contexto sociocultural moldam os limites do direito de expressão, que assim como outros direitos fundamentais, como direito à honra, à imagem, à dignidade da pessoa humana e à igualdade, está sujeito a restrições devido à manifestação de conteúdos discriminatórios ou discursos de ódio recorrentes na internet (FREITAS et al., 2023). O ódio apenas aguarda um fator desencadeador para emergir, indicando que ele não depende exclusivamente do indivíduo que o carrega, mas também das circunstâncias contextuais (SCHARWÄCHTER; MÜLLER, 2020).

A exemplo disso, foi evidenciado que ocorrências off-line, particularmente aquelas envolvendo atos de terrorismo, induzem aumentos significativos no discurso de ódio on-line. Por exemplo, incidentes de terrorismo islâmico na Europa Ocidental e na América do Norte foram associados a uma escalada do discurso de ódio nas plataformas de mídia social, incluindo o Twitter. Esse fenômeno é examinado por meio da metodologia de análise de coincidências de eventos, que estabelece uma correlação entre o momento de tais ocorrências e os surtos subsequentes no discurso de ódio.

Sabendo que o discurso de ódio está intimamente relacionado ao multiculturalismo, uma vez que a convivência entre diferentes culturas, etnias e religiões pode gerar tensões e resistência à diversidade, isso favorece discursos discriminatórios em momentos onde há baixa tolerância à alteridade, especialmente nos contextos em que diferentes grupos étnicos, religiosos ou sociais coexistem, como referido no presente estudo, essa fala está interligada através de conflitos culturais e de identidade, xenofobia, racismo ou até mesmo violação dos direitos humanos no cenário da globalização das mídias sociais.

A análise do discurso, (AD), ao atuar nesse contexto internet - uma grande potência que ainda transmite, socialmente, a falsa sensação de ser uma “Terra sem lei” -, estuda os efeitos de sentido presentes nesse meio.

Portanto, no campo linguístico, é importante entendermos como esses discursos são formados e perpetuados, quais as dinâmicas sociais contribuem para esse fim, e mais, investigar como a linguagem é empregada para construir identidades, estigmatizar grupos e legitimar formas de discriminação e exclusão na internet.

Freitas (2023) destaca que mais relevante que expor ideias para discussões sociais, é expor opiniões desejáveis para membros de um determinado grupo ao qual se pertence ou se deseja pertencer.



A rede social digital Instagram, por exemplo, deixa de ser um espaço apenas para compartilhamentos de fotos e vídeos, mas também um canal de debates, discussões e, indiretamente, através de seus usuários, uma fonte formadora de opiniões, sejam elas positivas ou negativas, e com isso, os discursos de ódio também crescem e encontram adeptos distintos e confortáveis a partilhar o mesmo juízo.

O crescimento tecnológico, a popularização da internet, e as transformações de conduta e comportamentos socioculturais, têm contribuído para uma democratização da voz, mas também trazem desafios, especialmente quando se trata de regular a liberdade de expressão, bem como afirma Orlandi (2012a) no capítulo sob perspectiva de educação em direitos humanos: A observação inicial postula que a linguagem carece de transparência. Consequentemente, é errado adotar o ponto de vista de que se pode simplesmente percorrer o léxico para descobrir, por meio desses termos, os significados que podem estar inscritos nele. Isso representa uma falácia em relação ao conteúdo.

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo, analisar, à luz da análise do discurso, comentários de ódio na feitos no Instagram no contexto das enchentes do Rio Grande do Sul, a partir do ambiente da internet e suas perspectivas culturais, ideológicas e principalmente o contexto digital na sociedade moderna, visto que a crescente no meio tecnológico é gradual e conciso, e as nuances dessas diferentes coletividades estão sempre dialogando entre si, ainda que direta ou indiretamente, por isso, torna-se essencial discutir os limites da liberdade de expressão e a análise desses discursos dialógicos, a fim de definir claramente até onde deve-se exercer uma liberdade sem infringir os direitos dos outros.

Para que para isso se cumpra, teorizaremos acerca da Análise do Discurso à luz de Pêcheux, oferecendo uma lente crítica para entender como os sujeitos, inseridos em diferentes formações ideológicas, produzem e interpretam esses discursos. O sentido das palavras, na perspectiva de Pêcheux, muda conforme a posição na luta de classes daqueles que as utilizam (TERRA, et al. 2019). Bem como apresentaremos uma análise de alguns discursos de ódios proferidos especialmente em comentários na rede social Instagram em postagens sobre as enchentes no Rio Grande do Sul, ocorridas em maio de 2024. Através dessas análises, buscaremos identificar não somente o tema recorrente, mas todo o contexto social e emocional que alimentam tais motivações.

1 A ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso (AD) é reconhecida como uma área interdisciplinar que combina elementos da linguística, sociologia e ciências da comunicação. Esse campo dedica-se a examinar o uso da linguagem em seu contexto natural, com um foco especial em como construções ideológicas se expressam nos textos. Na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história (ORLANDI, 2013, p. 15). Ao explorar essas interações, a AD proporciona uma compreensão mais profunda das relações de poder e influência que permeiam o discurso. Afinal, o sentido é uma relação determinada do sujeito - afetado pela língua - com a história. (...) não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia (ORLANDI, 2013, p. 17).

Suas raízes estão profundamente ligadas às transformações intelectuais e sociais ocorridas no século XX, principalmente durante os anos 60 e 70, e como referência inicial, foi desenvolvida por Eni Orlandi no Brasil, a partir de um desdobramento da matriz francesa desta disciplina, que tem como autor fundamental o filósofo francês Michel Pêcheux, pesquisador da École Normale Supérieure (ENS Paris).



Pêcheux reflete sobre a história da epistemologia e a filosofia do conhecimento empírico, visando transformar a prática das ciências humanas e sociais. Pêcheux compreende o sentido da AD como sendo regrado pelas questões de espaço e tempo das práticas humanas, descentralizando o conceito de subjetividade e limitando a autonomia do objeto da Linguística. O discurso é definido como efeito de sentidos entre locutores, um objeto sócio-histórico no qual a linguística está pressuposta.

O discurso não corresponde à noção de fala pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém, com sua natureza social e suas constantes (...). O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo do produto (ORLANDI, 2013, p. 22).

Sua atuação e estudos foi durante um período marcado por grandes movimentos sociais na França e diversos estudiosos atuam na vertente francesa, bem como uma face ideológica, Althusser, e discursiva, Foucault, então sobre o peso desses dois autores renomados que Pêcheux elaborou seus conceitos.

A análise do discurso é uma ferramenta fundamental no contexto do presente trabalho, como parte da compreensão de como as mensagens são construídas e interpretadas na internet. Não se trata somente do estudo da língua ou a gramática dela, mas o discurso em uso, o homem falando e constituindo parte da história em seu cotidiano. E através dessas análises do contexto, temos a existência humana, com sua capacidade de significar e significar-se.

Para entender a gênese dessa vertente é preciso compreender as condições que propiciam a emergência do uso. Seguindo a linha de Michel Pêcheux, destacamos também Orlandi (2004, 2009, 2012, 2013) com considerações vultosas, a qual problematiza reflexões acerca do tema. Nas palavras da autora, “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2013, p. 15). A relação entre linguagem e mundo parte de um ponto conciso: a linguagem não é transparente. A compreensão discursiva não se dá de imediato palavra por palavra, bem como Orlandi (2012a, p. 151) aponta:

Não podemos atravessar simplesmente as palavras para encontrar, através delas, os sentidos que ali estariam depositados. Esta é uma ilusão de conteúdo. Ao contrário, devemos, em uma leitura que chamamos de discursiva, porque envolve o sujeito, a linguagem e a história, em seus processos de produção. (...) E isso nos leva a considerar que esta relação é complexa e que há mediações que a sustentam de tal modo que os sentidos não são os mesmos para sujeitos diferentes.

O que a AD propõe sobre a linguagem tem uma natureza histórica e ideológica na sociedade, o que significa, também, frequentes mudanças e avanços no campo de estudo ao longo do tempo. Estudar a linguagem envolve rompimentos com ideias anteriores, o que leva a várias reconsiderações dentro do próprio campo da linguística, e a abordagem francesa se destaca por ser uma disciplina que une diversas influências e perspectivas.



Nesse contexto, Orlandi (2013) define o discurso como uma elocução em fluxo. A AD, como o nome sugere, não foca na língua ou na gramática, embora esses aspectos sejam de seu interesse, seu foco principal é o discurso. Etimologicamente, a palavra "discurso" carrega a ideia de movimento, de trajeto, de algo que flui. "O discurso é, portanto, a palavra em movimento, uma prática da linguagem: ao estudar o discurso, observa-se o ser humano falando" (ORLANDI, 2013, p. 15).

A Análise de Discurso, especialmente sob a perspectiva da teoria de Pêcheux, oferece uma abordagem crítica e aprofundada para compreender como essas narrativas são criadas e tomam maiores proporções de poder e ideologia na sociedade. A partir desse ponto, para analisarmos esses comentários de ódio no Instagram, a base da teoria traz embasamento teórico para revelar camadas de motivação para essas manifestações de intolerância e preconceito.

Partimos do pressuposto de que todo discurso é formado pela junção de outros já produzidos, como uma intertextualidade de discurso. Nenhuma opinião é pura pois traz consigo ideologias e crenças advindas de esferas sociais, emocionais, educacionais e econômicas diferentes, e nesse sentido, os comentários de ódio não são expressões individuais isoladas, mas manifestações de discursos que estão imersos em contextos socioculturais e históricos mais amplos, (cf. ORLANDI, 2004) os elementos fundamentais da Análise de Discurso estão na relação língua/sujeito/história, está entendida como a exterioridade constitutiva de qualquer discursividade. E portanto, carregam marcas das relações de poder que permeiam a sociedade, revelando como certos grupos e ideias são marginalizados ou reforçados, enquanto outros se enxergam como superiores a uma classe menos favorecida.

Do ponto de vista discursivo, há um percurso social, historicamente constituído, da significação em que está inscrita relação entre os diferentes lugares sociais da interlocução com seus poderes de significação desiguais, são projetados no discurso. (...) Nesse sentido, se pensamos a argumentação, por exemplo, diríamos que não se trata apenas argumentar em uma ou outra direção, tratam-se de conflitos, de confrontos face a diferentes formações discursivas (ORLANDI, 2004, p. 59).

A AD entrará justamente no contexto de análise dos comentários ao examinar a forma como essas afirmações se constroem linguisticamente, quais são os elementos semânticos e sintáticos que os caracterizam, e como esses elementos se relacionam com as ideologias dominantes.

Além disso, a AD permite explorar as condições de produção desses comentários, questionando quais são os sujeitos que os proferem, em que contextos sociais e midiáticos esses discursos ganham força, e como eles interagem com outros discursos circulantes na sociedade. Isso inclui a consideração do papel das redes sociais digitais (RECUERO, 2014), como o Instagram, na amplificação desses discursos e na formação de bolhas ideológicas onde certos discursos de ódio são normalizados ou até incentivados, além de trazer a perspectiva do perigo em que tudo isso ganha notoriedade e compartilhamentos, um alcance de milhares de pessoas de forma orgânica e muito rápida.

Em suma, a Análise de Discurso, ao ser aplicada para análise de comentários com discursos de ódio, alguns desses como nos anexos abaixo, buscará compreender as complexas relações entre



linguagem, ideologia e poder que sustentam e propagam esses discursos na esfera digital. Dessa forma, contribuirá para uma reflexão mais ampla sobre os limites da liberdade de expressão e os desafios para a construção de um ambiente digital mais inclusivo e respeitoso.

2 O CONTEXTO DIGITAL

No contexto digital, a tecnologia e as redes sociais digitais têm transformado diretamente a maneira como nos relacionamos, visto que consumimos informações e compartilhamos interesses em instantes. E esse acesso rápido e amplo pode ser positivo, mas também apresenta perigos iminentes sobre uma grande demanda de ideologias, críticas, pré-conceitos e valores. Bem como coloca Recuero (2012), o ciberespaço se configura tanto como um ambiente social quanto técnico, no qual as conversas e interações são moldadas pelas ferramentas utilizadas pelos grupos sociais, que se apropriam desses meios para construir e compartilhar discursos.

Nesse sentido, os discursos de modo geral, encontram um ambiente propício para se proliferar, impulsionado pela rapidez e pelo alcance das plataformas de redes sociais digitais, e a ausência de barreiras geográficas, além de contemplar com a opção de anonimato e a facilidade de amplificação de opiniões extremas têm tornado a internet um espaço onde expressões de intolerância, preconceito e violência verbal se multiplicam com essa voracidade.

As redes sociais digitais facilitam uma troca na forma como os usuários se relacionam com os meios de comunicação, revigorando os vínculos pelo desenvolvimento do sentimento de protecionismo a uma comunidade (SILVA, 2021), sendo assim, as redes sociais digitais, que poderiam ser usadas apenas para debates construtivos e aprendizado mútuo, muitas vezes viram um campo de batalha para ataques pessoais e disseminação de *fake news*. Esse fenômeno é agravado pelo efeito de bolhas, onde os algoritmos tendem a reforçar apenas conteúdos que confirmam as crenças pré-existentes dos usuários, criando um ambiente de intolerância e distanciamento.

A cada dia, pessoas de todo o mundo conectam-se à Internet e engajam-se em interações com outras pessoas. Através dessas interações, cada uma dessas pessoas é exposta a novas ideias, diferentes pontos de vista e novas informações. Com o advento dos sites de rede social, essas conversações online passaram a criar novos impactos, espalhando-se pelas conexões estabelecidas nessas ferramentas e, através delas, sendo amplificadas para outros grupos (RECUERO, p.121, 2014).

Além disso, a aparente impunidade *online* alimentam comportamentos tóxicos e radicais, quase que sem a necessidade de responsabilidade, e tais pessoas incentivam atitudes que muitas vezes não se manifestariam em interações pessoalmente. Por isso o perigo em compartilhar esses pensamentos e achar uma rede de pessoas que compartilham do mesmo pensamento, sendo um o suporte do outro sem amenizar consequências de fala.

A aparente impunidade online tem se configurado como um dos grandes desafios contemporâneos no campo jurídico e social, sendo alimentada por diversos fatores interligados que dificultam a responsabilização efetiva de condutas ilícitas na internet. Um dos elementos centrais nesse fenômeno é o anonimato, amplamente possibilitado pelos recursos tecnológicos que permitem aos usuários ocultarem ou mascararem suas identidades reais. Essa ocultação fragiliza os



mecanismos de controle e dificulta a identificação dos autores de comportamentos ofensivos, criminosos ou fraudulentos.

Além disso, a dificuldade técnica de rastreamento das ações digitais contribui significativamente para esse cenário. O uso de ferramentas como redes privadas virtuais (VPNs), *proxies* e navegadores anônimos torna o processo de localização e responsabilização dos agentes ainda mais complexo, especialmente quando somado à escassez de recursos técnicos e humanos nas autoridades encarregadas de investigar delitos cibernéticos.

Inúmeras nações, incluindo o Brasil, possuem estruturas legais antiquadas ou inadequadas que impedem o julgamento efetivo de crimes cibernéticos. O sistema judicial brasileiro, por exemplo, é deficiente em mecanismos abrangentes para o gerenciamento de evidências digitais e a acusação eficaz dos autores, resultando em uma prevalência pronunciada de impunidade (ARRUDA, 2019; LOPES et al., 2024).

3 A CATÁSTROFE NO RIO GRANDE DO SUL

Em maio de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi devastado por enchentes de grandes proporções, sendo uma das maiores catástrofes naturais do Brasil. Um estudo inédito divulgado pelo IPEA³ (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) no dia 17 de Junho de 2024, estima que pelo menos 876,2 mil pessoas em 420,1 mil domicílios (8,8% da população e dos domicílios) tiveram seus locais de residência atingidos diretamente pelas enchentes e deslizamentos nos 418 municípios do Rio Grande do Sul em estado de calamidade ou emergência.

A análise também apontou que 9,7% da população (310,4 mil pessoas) e 9,7% das famílias (138,800) foram situação de vulnerabilidade socioeconômica antes das enchentes foram afetadas. Segundo o estudo publicado pelo IPEA, a mancha de impacto das enchentes e deslizamentos atingiu aproximadamente 16.126 km², alcançando 484 municípios do Rio Grande do Sul.

No todo, mais de 2,2 milhões de pessoas foram direta ou indiretamente afetadas e estima-se pelo menos 182 mortes, além das inúmeras perdas materiais. O desastre natural, causado pelas chuvas resultou em inundações severas com rios transbordando e destruindo infra estruturas locais. Comunidades inteiras ficaram isoladas, enquanto equipes de resgate trabalharam incansavelmente para salvar vidas e fornecer ajuda às vítimas.

A catástrofe gerou ampla comoção e mobilizou esforços de solidariedade por parte de voluntários, governos e organizações não governamentais, que rapidamente iniciaram campanhas de doação e apoio logístico. Entretanto, rapidamente esses atos de solidariedade nas redes sociais digitais tornaram-se palco de discursos de ódio e ofensas direcionadas às vítimas, às autoridades e até mesmo aos esforços de socorro. Pessoas começaram a disseminar informações falsas, teorias conspiratórias e críticas infundadas, ampliando a polarização e o clima de intolerância num momento devidamente inoportuno.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE

Utilizando capturas de tela, analisamos como essa amostra social, a partir de um evento catastrófico onde espera-se mobilizar solidariedade e apoio, muitas vezes se torna palco para a

³ Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA); 2024. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/15183-876-mil-pessoas-foram-diretamente-atingidas-pelas-enchentes-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em 13 de setembro de 2024.



propagação de ataques verbais e retóricas discriminatórias tirando o foco inicial de suporte. Essas interações ilustram a proporção que o discurso de ódio pode atingir no ambiente digital, especialmente em momentos de crise, como esse em destaque em nosso trabalho.

Para a seleção do material, inicialmente buscamos comentários em postagens de páginas de notícias e entretenimento a nível nacional, sendo fontes de canais independentes, os quais acompanhamos regularmente, assim como também as próprias sugestões do Instagram, no entanto, não obtivemos sucesso em encontrar o conteúdo desejado. Em seguida, direcionamos a busca para contas de noticiários também nacionais, mas com uma vertente política pré-estabelecida, ou seja, contas que personalidades de discurso negacionista seguem em suas redes sociais digitais.

Nesse contexto, é fundamental destacar o papel central dos algoritmos das redes sociais na intensificação da polarização e na formação das chamadas "bolhas ideológicas". Esses algoritmos operam com base em princípios de personalização de conteúdo, selecionando e promovendo informações que se alinham às preferências, comportamentos e interações prévias dos usuários. Como apontam Pariser (2011) e O'Neil (2016), os sistemas algorítmicos, ao priorizarem a manutenção do engajamento e do tempo de permanência na plataforma, tendem a reforçar visões já existentes, filtrando o acesso a opiniões divergentes e criando uma espécie de "filtro bolha". Esse fenômeno, ao invés de promover o debate democrático, resulta na homogeneização de perspectivas dentro de grupos específicos e na radicalização das opiniões.

As redes sociais, portanto, ao empregarem algoritmos que classificam e distribuem conteúdos com base em métricas de interesse, engajamento e compatibilidade comportamental, acabam nutrindo grupos com informações que confirmam suas crenças preexistentes, muitas vezes sem qualquer compromisso com a veracidade ou qualidade da informação. Como observa Zuboff (2019), trata-se de um modelo de negócio sustentado por um capitalismo de vigilância, no qual os dados dos usuários são explorados para maximizar a previsibilidade e o controle de seu comportamento, inclusive no plano político e ideológico. Nesse ambiente, discursos intolerantes e desinformação encontram terreno fértil para prosperar, ao passo que vozes dissonantes são suprimidas ou atacadas, aprofundando a fragmentação do espaço público e contribuindo para a escalada da intolerância e da violência simbólica online.

Portanto, explorando as redes sociais digitais de perfis políticos polêmicos e extremistas e veículos de notícias tendenciosos, conhecidos por disseminar notícias falsas. Imediatamente, encontramos todo o material necessário, pois os comentários nas publicações desses perfis eram predominantemente de indivíduos que contribuem para a propagação de discursos de ódio e preconceituosos.

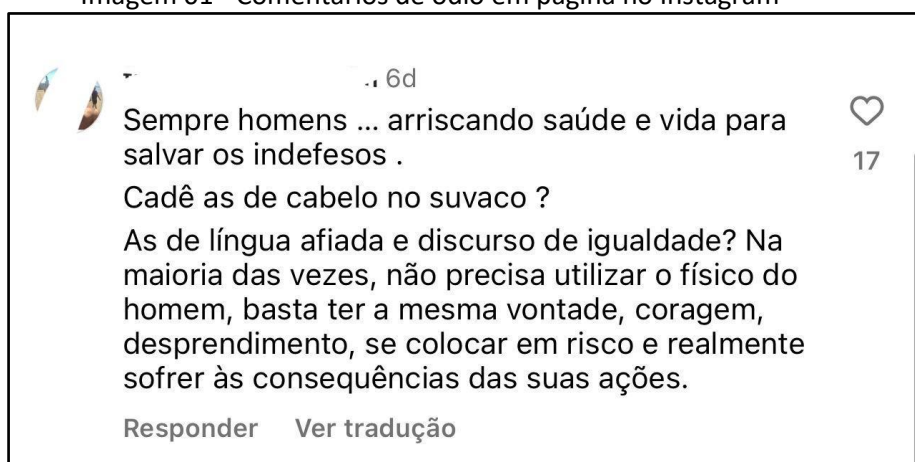
Para a realização desta pesquisa, delimitou-se como objeto de estudo as postagens e os comentários de perfis políticos que publicaram sobre o episódio das enchentes ocorridas em maio de 2024. O período de análise compreendeu os dias 17 a 24 de maio, totalizando cerca de 15 horas de observação e coleta. Durante a etapa de seleção, foi priorizada publicações com mais de 15 comentários e, entre estes, foram analisados aqueles que evidenciaram conteúdos de ódio, intolerância ou preconceito.

Essa estratégia de busca evidencia como funciona o algoritmo das redes sociais, e como é um importante formador e delimitador informacional, pois agrega e impulsiona grupos que partilham o mesmo viés crítico, e através de perfis que comumente direcionam seu público à práticas polarizadas e agressivas foi possível observar com mais clareza o impacto negativo que esses espaços podem ter na propagação de discursos de ódio, por exemplo.



Revelando como determinados nichos *online* se tornam focos para a manifestação de preconceitos, e esse cenário reforça a necessidade de refletirmos sobre a responsabilidade das plataformas digitais na moderação e controle desses espaços que são altamente compartilhados e sem uma segurança que possibilite a liberdade de expressão à altura. E claro, liberdade de expressão desde que não interfira e coaja a liberdade do outro. Dado isso, apresentamos:

Imagem 01 - Comentários de ódio em página no Instagram



Fonte: @jovempannews Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C6_a8RyiaCe/?igsh=Y2JieGJwNXJrNjM4. Acesso em: 17 mai. 2024

O comentário destacado faz uma crítica com viés misógino e de sarcasmo, ao mencionar e destacar o papel de homens em situações de um resgate, comparando e potencializando uma ação específica com o histórico de reivindicação de igualdade das mulheres. Daremos ênfase, primeiramente, ao trecho “Cadê as de cabelo no sovaco?”, que reforça um estereótipo às mulheres feministas associado historicamente durante movimentos de enfrentamento à liberdade corporal, simbolizando resistência contra os padrões de beleza impostos às mulheres em geral.

A expressão se popularizou a partir de contextos históricos com a vertente brasileira da Marcha das Vadias, a qual desconstrói e reconstrói, através da resignificação de termos pejorativos e misóginos e do uso da contrapalavra carnalizada, papéis atribuídos à mulher por uma cultura dita patriarcalista e machista (GUEDES, 2015, p. 129). Tiram de contexto as pautas de luta e reivindicações sociais para que soe de forma pejorativa à imagem das mulheres, reforçando estereótipos negativos numa situação em que não havia sentido tal paralelo.

O movimento da Marcha das Vadias propõe-se a resignificar insultos direcionados a mulher, como a própria palavra “vadia”, combatendo, desta forma, não só a violência física, como também a verbal, decorrentes do uso sexista da linguagem, direcionados às mulheres. Assim, o movimento propõe a superação dos estigmas de palavras derogatórias às mulheres pela adoção das mesmas, pois é a partir da resignificação dos significados tradicionais desses termos que emergem novos sentidos (GUEDES, 2015, p. 23)



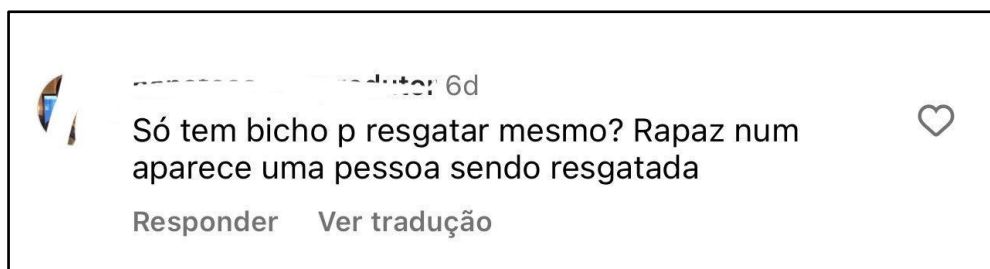
O mesmo ocorre em “as de língua afiada e discurso de igualdade”, direcionamos, nesta seção, nosso objeto de análise, para a construção de termos misóginos, e as implicações linguístico-discursivas que tais termos acarretam na construção do estereótipo da mulher feminista (SILVA, 2018). Ressaltamos que o enfrentamento coletivo feminino sobre as desigualdades sociais vão muito além do físico.

(...) Entretanto, da mesma forma que a internet, como ambiente livre e aberto, permite a ascensão de movimentos sociais como o feminismo, ela, também possibilita que determinados grupos o ataquem livremente, o que condiciona a proliferação de termos misóginos na rede, construídos com a intenção de desqualificar e deslegitimar as mulheres, sobretudo, feministas. (SILVA, 2018, p. 57)

Homens e mulheres são biologicamente diferentes, mas de nada acrescenta ou difere no comentário trazer o viés biológico à pauta, visto que a matéria de notícia em questão trata-se de um difícil resgate animal.

Neste cenário, o autor do comentário tece comparações irrelevantes e que contribuem com ideologias sexistas, sendo um conjunto de preconceitos e práticas que podem afetar qualquer gênero, mas em sua maioria contra as mulheres. E discursos reforçados como “as de língua afiada” corroboram de forma intrínseca com o fomento da banalidade e desqualificação das falas femininas; bem como uma cultura opressora de silenciamento, por isso nossa pesquisa contribui com a análise da formação desses comentários, para que assim possamos entender como a formação de novos léxicos torna-se mecanismo de opressão através do discurso (SILVA, 2018, p.59).

Imagem 02 - Comentários de ódio em página no Instagram



Fonte: @jovempannews Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C6_a8RyiaCe/?igsh=Y2JieGJwNXJrNjM4 Acesso em: 17 mai. 2024

Na imagem de número 02, o comentário é marcado pela indagação de um questionamento relativamente peculiar, diminuindo a importância de todos os outros tipos de resgate, como se o resgate de animais não fosse também importante. Vale a ressalva sobre a escolha da palavra "bicho" em vez de "animal", já que "bicho" pode carregar uma conotação mais depreciativa ou inferior.

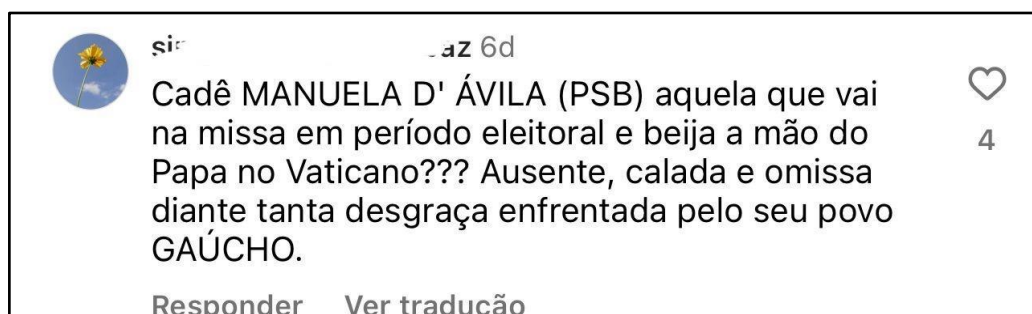
Parece razoável entender que os signos presentes na inserção enunciativa são autonímicos, pois se trata de um uso de signos para mencionar não um referente extralingüístico, mas sim a própria estrutura semiótica (são essas palavras



específicas que são objetos de menção, e não os possíveis referentes dessas palavras); por outro lado, não podemos deixar de considerar que essas palavras não foram inseridas apenas para mencionar os respectivos significantes, mas sim para também destacar determinados significados. (PAGOTTI, 2013, p.13)

Isso pode mostrar como a linguagem reflete a indiferença ou insensibilidade de quem comentou, já que as inserções enunciativas examinadas possuem não apenas caráter autonímico, como também desempenham uma função semântica intermediária (PAGOTTI, 2013, p. 17), visto que é o contexto de postagem intencionalmente destinada ao trabalho de voluntários que estavam resgatando animais, enquanto outras diversas postagens mostravam a árdua missão do resgate de pessoas também. A nível informativo, todo o tipo de ação no ambiente naquele período em questão tornava-se notícia para as milhões de pessoas que acompanhavam o desdobramento de equipes e voluntários numa catástrofe ambiental com tamanha proporção.

Imagem 03 - Comentários de ódio em página no Instagram



Fonte: @subcelebrities Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/C6d7Ki3OcOU/?igsh=MWhydHUxdXVmaXd1bA%3D%3D> Acesso em: 5 mai. 2024

Na captura de tela da imagem 03, o autor do comentário utiliza uma comparação apelativa para criticar a ausência de posicionamento de uma figura política como Manuela D'Ávila, nascida no Rio Grande do Sul, porém sem saber devidamente que a citada está fora do cenário político desde 2020. Então há um questionamento como se a ela devesse estar presente ou pudesse manifestar-se durante a crise. Tal análise nos revela uma posição sexista responsável pela propagação do discurso de ódio contra mulheres, militantes da causa feminista, através do emprego de termos misóginos (SILVA, 2018, p. 54).

Isso revela uma expectativa de que figuras políticas atuem como porta-vozes ou representantes diretas em momentos de catástrofes, e sua ausência pode ser interpretada como indiferença, e a politização desta ausência é usada para atacar não só a pessoa, mas seu papel público. E esse tipo de reação pode ser compreendido dentro do contexto mais amplo já que nos últimos anos, os estudos sobre comportamento eleitoral se consolidaram em torno da visão de que os partidos não são apenas um polo de atração para os eleitores, mas também um objeto de rejeição (FUKS, et al. 2020).



Um destaque importante para o comentário é o uso das letras em caixa alta no termo “GAÚCHO”, e isso destaca a ênfase que o comentarista coloca na identidade local e no senso de comunidade. Isso pode ser interpretado como Manuela, sendo gaúcha, deveria estar mais envolvida na defesa de seu povo. E o uso de letras maiúsculas na internet intensifica o tom de indignação. E ainda no trecho "beijar a mão do Papa no Vaticano" carrega um tom sarcástico e tenta diminuir a relevância das ações públicas de Manuela D'Ávila, insinuando que suas prioridades estariam erradas em relação às necessidades do povo. Ou seja, o propósito central dos discursos transmitidos através destas construções está focalizado na formação de estereótipos feministas (SILVA, 2018, p. 69).

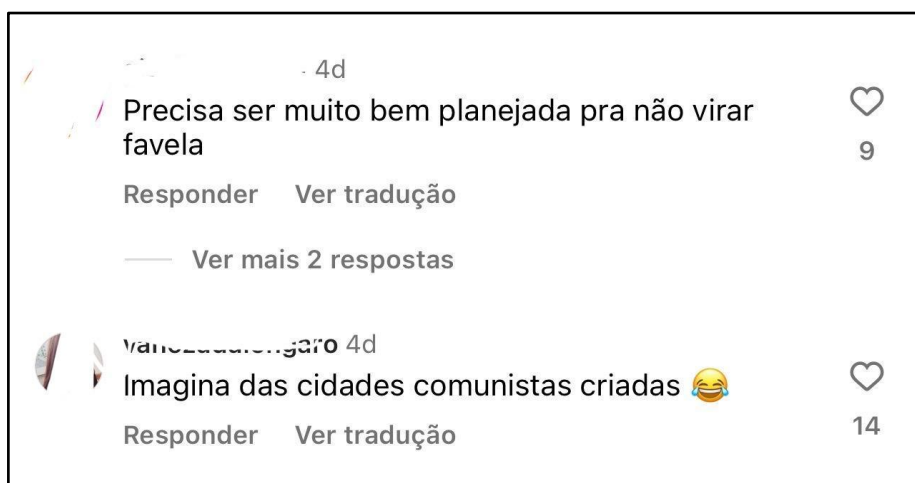
Mais um fomento de indignação e ódio ao associar a omissão digital dessa pessoa com o contexto de tragédia, sem averiguar a participação de contribuição da mesma, ou até cobrar de cargos em pleno trabalho, provando que o intuito é apenas contribuir e compartilhar ódio.

Imagem 04 - Comentários de ódio em página no Instagram



Fonte: @plenonews Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7ETCpeO-Au/?igsh=MTBrZWZ5ZjNIMmxpbA%3D%3D> Acesso em: 20 mai. 2024

Imagem 05 - Comentários de ódio em página no Instagram





Fonte: @plenonews Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7ETCpeO-Au/?igsh=MTBrZWZ5ZjNlMmxpbA%3D%3D> Acesso em: 20 mai. 2024

Nas imagens número 04 e 05, vemos como as construções linguísticas refletem ideologias e preconceitos nos comentários. Na primeira captura, o comentário "*Cidade chinesa de experiência de controle? Espero q nao!*" aqui, o autor dos dizeres traz uma referência pejorativa de um estereótipo negativo relacionado à China e seu desenvolvimento, visto que esses tópicos sobre a China têm raízes em fatores históricos, culturais e geopolíticos, e numa visão eurocêntrica retrata a China como atrasada, com suas questões políticas internas, porém o comentário supondo que o local seja semelhante a uma "experiência de controle" e a construção da frase sugere um temor sobre uma possível implementação de um sistema ao país citado, que tampouco existiria no Brasil, ou, haveria sequer faria sentido.

Para aprofundar na representação da China como um país em fase de crescimento em vez de desenvolvimento, o jornal *El País* transmite a ideia de que esse enorme crescimento carece de qualidade. É por isso que a indústria chinesa é frequentemente associada à manufatura, um setor que demanda uma maior quantidade de mão de obra barata e quase nenhuma tecnologia avançada. Por outro lado, essa visão parte precisamente do eurocentrismo. (SUN, 2019, p. 7)

Além de que no âmbito da AD, há uma intertextualidade que recorre a discursos comuns de desconfiança e xenofobia relacionados à China, frequentemente encontrados no ambiente digital e disseminados por meio de teorias da conspiração.

Enquanto o segundo comentário traz "*ACORDEM! CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO! O Mal não prevalecerá*". Essa nota faz uso de uma ideia alarmista, referindo-se a "campos de concentração" como metáfora para uma situação de opressão extrema. Lembramos que campos de concentração são instalações criadas para encarceramento de civis, prisioneiros de guerra ou grupos étnicos durante períodos de guerra ou regimes autoritários, e traz associações à Segunda Guerra Mundial e ao regime nazista, e os campos de concentração são eventos traumáticos profundamente marcados na memória coletiva mundial.

Podemos observar que

Para recordar um evento passado, não é necessário apenas que ele seja evocado por outros para que o sujeito lembre-se dele. É preciso que o indivíduo traga consigo algum "resquício" da rememoração para que os conjuntos de testemunhos exteriores se constituam em lembranças. No processo de rememoração, é importante que a memória individual esteja em consonância com a memória de outros membros do grupo social. (DA SILVA, 2016, p. 249)

Comparar situações como a da catástrofe climática acontecida no Rio Grande do Sul, dentro de uma proposta de respaldo e auxílio social momentâneo a campos de concentração sem contexto histórico adequado é extremamente ofensivo, especialmente para as comunidades que foram fortemente afetadas. Ao usar essa analogia de maneira imprópria, banaliza-se o sofrimento de



milhões de vítimas, distorcendo a gravidade dos crimes contra a humanidade. Além disso, esse tipo de discurso pode fomentar desinformação, teorias da conspiração e incitar a polarização social desnecessária.

E ainda sim, mais uma vez, estaria longe de acontecer com a ideia inicial proposta. Ademais, o autor finaliza a opinião com a construção de um inimigo imaginário, afinal, o que seria esse “mal”? Um tanto quanto conspiratório e de teor religioso.

Já no terceiro comentário, temos, mais uma vez, o uso da expressão pejorativa: “favela”, que observamos que:

Não obstante as diferentes perspectivas, todos esses trabalhos têm em comum o fato de apontar que a descoberta da favela pelo poder público como um “problema” surgiu muito mais do incômodo que esses aglomerados urbanos causavam à urbanidade do que de uma postulação de seus habitantes ou de uma vontade política de universalizar o acesso a direitos básicos de cidadania. (DE LUNA, 2008, p. 3)

Em muitos contextos, ela carrega uma conotação negativa, e esse uso pejorativo reflete uma visão elitista e discriminatória, reforçando a hierarquia social que desumaniza os moradores desses locais menos privilegiados. Dado isso, o próprio termo “favela” vem, ao longo do tempo, adquirindo um caráter depreciativo, uma vez que em torno desses espaços se construiu no imaginário social uma série de mitos ligados à pobreza, à violência e à criminalidade (DE LUNA, 2008, p. 15)

A palavra é carregada de estigmas sociais e consequentemente econômicos no contexto brasileiro, e sua utilização nesse sentido reflete uma visão até mesmo excludente, e para a AD, o uso dessa palavra implica uma visão que desumaniza famílias que partilham essas moradias e contribuem indiretamente para a marginalização enraizada dessas moradias.

É importante questionar a forma como o termo “favela” é usado no discurso de maneira pública e a necessidade de adotar uma linguagem mais inclusiva que reconheça a dignidade das pessoas que vivem nessas comunidades. Em vez de reforçar estigmas, a discussão deve se concentrar nas causas estruturais da desigualdade urbana e nas formas de promover o desenvolvimento social e econômico nessas áreas. Por isso o comentário além de discriminatório, carrega inverdades sobre a proposta pautada.

E por último, o uso de “cidades comunistas” também revela uma construção ideológica que associa o comunismo ao negativo. E independente do uso funcional de tais políticas, esse comentário reforça estereótipos em discursos políticos, contribuindo ainda mais para a polarização partidária que o país enfrenta atualmente. Vale ressaltar nesse caso também, que o texto não verbal com a utilização de um “emoji” (pictograma eletrônico usado nas redes sociais digitais para demonstrar emoções e sentimentos) de risada ao final sugere uma atitude de sarcasmo, desqualificando o conceito proposto e na AD, essa construção ridiculariza as políticas alternativas apresentadas na notícia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscamos compreender como os discursos de ódio se articulam e se legitimam nas redes sociais digitais, especialmente em contextos de crise como o das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul, em 2024. A partir da perspectiva da Análise do Discurso (AD) de



linha francesa, fundamentada nos estudos de Michel Pêcheux e desenvolvida no Brasil por Eni Orlandi, foi possível observar que tais discursos não são fenômenos isolados ou meramente opinativos, mas sim efeitos de sentido produzidos em determinadas condições de produção, atravessadas por ideologia, memória discursiva e posições-sujeito.

A teoria pecheuxtiana nos lembra que os sentidos não são fixos, mas atravessados por contradições ideológicas que se atualizam nos diferentes embates discursivos. Assim, os discursos de ódio presentes nas redes sociais digitais são compreendidos como parte de um confronto entre formações ideológicas distintas, que se alimentam do espaço de circulação ampliada e imediata proporcionado pelas plataformas digitais. Esses espaços, mediados por algoritmos que reforçam preferências e isolam pontos de vista divergentes, promovem a radicalização de sujeitos em bolhas ideológicas, intensificando o antagonismo simbólico e dificultando a construção de um debate democrático.

Nesse cenário, a aparente impunidade online, amparada por mecanismos de anonimato, lacunas legais e pela complexidade técnica de rastreamento, fomenta a continuidade e a normalização dessas práticas discursivas. O que se verifica, portanto, é uma dinâmica onde a linguagem atua não apenas como instrumento de comunicação, mas como prática social constitutiva de sujeitos e de sentidos, revelando embates de classe, gênero, etnia e ideologia que estruturam a sociedade contemporânea.

Concluimos que compreender os discursos de ódio no ambiente digital requer um olhar atento às condições de produção dos sentidos e às posições ideológicas que os sustentam. Mais do que punir postagens individuais, é necessário desvelar as engrenagens discursivas que naturalizam a intolerância e promovem a exclusão simbólica. A AD, enquanto ferramenta teórico-metodológica, oferece importantes instrumentos para essa tarefa, ao permitir analisar criticamente os modos como a linguagem é mobilizada para construir identidades, sustentar preconceitos e disputar hegemonias discursivas.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, Jorge Eduardo Gomes De. **Cibercrime no âmbito das relações empresariais: a vulnerabilidade das empresas no tocante à impunidade do ordenamento jurídico**. [S. l.], 2019. Disponível em: <http://repositorio.asc.es.edu.br/jspui/bitstream/123456789/2172/1/TCC-%20JORGE%20EDUARDO%20GOMES%20DE%20ARRUDA.pdf>.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS. **Novo balanço das chuvas no Rio Grande do Sul aponta R\$ 4,6 bilhões de prejuízos em moradias**. 2024. Disponível em: <https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/novo-balanco-das-chuvas-no-rio-grande-sul-aponta-r-4-6-bilhoes-de-prejuizos-em-moradias>. Acesso em: 13 set. 2024.
- DA SILVA, Giuslane Francisca. A memória coletiva. **Revista Aedos**, v. 8, n. 18, p. 247-253, 2016.
- DE LUNA FREIRE, Leticia. Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 1, n. 2, p. 95-114, 2008.
- FREITAS, Ana Luísa; ROMERO, Ruth Lyra; PANTALEÃO, Fernanda Naomi; BOGGIO, Paulo Sérgio. Bases sociocognitivas do discurso de ódio online no Brasil: uma revisão narrativa interdisciplinar.



Texto Livre, v. 16, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1983-3652.2023.46002>. Acesso em: 20 set. 2024.

FREITAS, Luiz Otávio Resende de; LUNARDI, Fabrício Castagna; CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro. Liberdade de expressão na era digital: novos intermediários e censura por atores privados. **Revista de Investigações Constitucionais**, Curitiba, vol. 11, n. 2, e262, maio/ago. 2024. DOI: 10.5380/rinc.v11i2.89693. Acesso em: 20 set. 2024

FUKS, Mário; RIBEIRO, Ednaldo; BORBA, Juliana. Antipartisanship and political tolerance in Brazil. **Revista de Sociologia e Política**, v. 28, n. 76, p. e022, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-987320287609>. Acesso em: 20 set. 2024.

GUEDES, Indira Lima. **Marcha das Vadias como resposta carnavalizada do feminismo**: uma análise bakhtiniana de uma campanha fotográfica. Mestrado em Linguística Aplicada)–Centro de Humanidades, Universidade do Ceará, Fortaleza, 2015.

LOPES, Líliam Dos Reis; OLIVEIRA, Daniel; DA SILVA, Igor Talarico; DUTRA, Yuri Fedrigo; LIMA, Odaíze Do Socorro Ferreira Cavalcante. Crimes Cibernéticos E Direito Penal: A Regulação E A Resposta Jurídica Ao Crime No Ambiente Digital. **IOSR Journal of Business and Management**, [S. l.], v. 26, n. 11, p. 01–11, 2024. DOI: 10.9790/487x-2611080111.

LUCCAS, Victor Nóbrega. O dilema entre a proteção da liberdade de expressão e o combate ao discurso de ódio. In: GOMES, Fabrício V.; SALVADOR, João Pedro F.; LUCCAS, Victor N. (ed.). **Discurso de ódio**: desafios jurídicos. São Paulo: Almedina, 2020.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. São Paulo: Editora Intrínseca, 2016.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Cidade dos Sentidos**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 5. ed., Campinas, SP: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia**. 3. ed., Campinas, SP: Pontes, 2012a.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Texto**: Formulação e Circulação dos Sentidos. 4. ed., Campinas, SP: Pontes, 2012b.

ORLANDI, Eni Pulcinelli; **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed., Campinas, SP: Pontes, 2013.

PAGOTTI, Eugênio. Inserções enunciativas, autonomia e a atualidade do conceito de suposição semântica. **Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 2, 2013.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

REBS, Rebeca Recuero. O excesso no discurso de ódio dos haters. **Fórum Linguístico**, v. 14, p. 2512-2523, 2017.



RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROCHA, Termisia Luiza; SILVA, Gilson Pequeno da; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; Metodologia de pesquisa científica: Análise do Discurso - Conceitos e Possibilidade. v. 21 n. 53 (2022): **Cadernos da Fucamp**, Campinas, 2023. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2913>. Acesso em 8 de Julho de 2024.

SCHARWÄCHTER, Erik; MÜLLER, Emmanuel. Does terrorism trigger online hate speech? On the association of events and time series. **The Annals of Applied Statistics**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 1285–1303, 2020. DOI: 10.1214/20-AOAS1338. Disponível em: <https://dblp.uni-trier.de/db/journals/corr/corr2004.html#abs-2004-14733>.

SILVA, Jamile Maria. Construção lexical de termos misóginos no facebook: a formação de um discurso sexista. **Entheoria**: Cadernos de Letras e Humanas, v. 5, n. 1, p. 53-71, 2018.

SILVA, Marcos Paulo da; SILVA, Lucas Souza da. Disseminação de discursos de ódio em comentários de notícias: Uma análise a partir de notícias sobre o universo LGBT em cibermeios sul-mato-grossenses no Facebook. **INTERCOM**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 44, p. 137-155, 2021.

SUN, Meijiao. Estereotipos sobre China "made in Spain": un análisis a través del discurso informativo del periódico El País. **Asiadémica**: revista universitaria de estudios sobre Asia Oriental, p. 11-26, 2019.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.